

RESENHA

Valdeci da Silva Santos

McGRATH, Alister e McGRATH, Joanna. **O delírio de Dawkins: uma resposta ao fundamentalismo ateu de Richard Dawkins.** Trad. Sueli Saraiva. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. 156 p.

O ataque à fé em Deus não é novidade, mas há ocasiões em que se apresenta mais intenso e agressivo. Um bom exemplo disso é o livro *Deus, um Delírio*, do biólogo naturalista inglês Richard Dawkins.¹ Uma das principais teses de Dawkins neste livro é que Deus é um delinqüente psicótico inventado por pessoas iludidas. Segundo ele, a fé é como “uma falsa crença persistente que se sustenta mesmo diante de fortes evidências que a contradizem”.² Além do mais, Dawkins declara o seu propósito logo no início de seu livro: “Se este livro funcionar do modo como pretendo, os leitores religiosos que o abrirem serão ateus quando o tiverem terminado”.³ Tal postura fundamentalista de Dawkins reivindica uma resposta e esta foi a contribuição do casal Alister e Joanna McGrath ao escreverem o livro *O Delírio de Dawkins*.

Alister é um ex-ateu, professor de teologia histórica na Universidade de Oxford, Inglaterra. Ele possui doutorados em biofísica molecular e em teologia histórica. Como autor, já é conhecido do público protestante brasileiro por causa de sua *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*.⁴ Sua esposa, Joanna McGrath, é professora de psicologia da religião na Universidade de Londres. Juntos eles uniram seus conhecimentos em diversas áreas da ciência no intuito de oferecer uma resposta cristã à acusação ateu de Dawkins.

¹ DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

² *Ibid.*, p. 64 e 29.

³ *Ibid.*, p. 29.

⁴ McGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

No livro *O Delírio de Dawkins*, o casal McGrath se propõe especificamente a avaliar a veracidade da crítica de Dawkins contra a fé em Deus. Uma das dificuldades ressaltadas pelos autores diz respeito ao volume da obra de Dawkins, pois se alguém está tão seguro da inexistência do seu objeto de refutação, porque gastar tantas páginas nesse esforço (cf. p. 12)?

A resposta dos McGrath foi estruturada em quatro capítulos, cada qual no formato interrogativo. No primeiro, os autores refutam os argumentos de Dawkins sobre a impossibilidade da existência de Deus. Para ele, “quase com certeza Deus não existe”.⁵ Dessa forma, Dawkins não apresenta evidências científicas claras, mas apenas defende arbitrariamente a “improbabilidade de Deus”. Após analisar os principais argumentos de seu oponente, os McGrath concluem que “improbabilidade não implica, e nunca implicou, a não existência... Podemos ser altamente improváveis. *Mas estamos aqui*. A questão, portanto, não é se Deus é *provável*, mas se Deus é *real*” (p. 39-40). Além do mais, os autores defendem que a própria capacidade científica que os seres humanos possuem para explicar algo no universo requer explicação. Neste sentido, a própria explicabilidade precisa ser explicada. A ponderação mais prudente quanto a isto, segundo os autores do livro, é a noção de um Deus criador (p. 42-43). O procedimento do casal McGrath neste primeiro capítulo parece ser analisar os argumentos de Dawkins e usá-los contra o seu próprio autor.

No segundo capítulo de *O Delírio de Dawkins*, os autores contestam a noção de que o avanço da ciência desmascarou a existência de Deus, uma vez que Dawkins defende que a fé é uma apreensão infantil da existência, e que a única alternativa para pessoas maduras e sérias é o ateísmo. Neste ponto, os McGrath adequadamente recorrem a uma série de cientistas (incluindo alguns ateus) que defendem a existência de limitações para a ciência (p. 47-55). Além do mais, o casal McGrath reconhece que “as grandes questões da vida (algumas das quais também são científicas) não podem ser respondidas com nenhum grau de certeza” (p. 49). O fato é que “as teorias científicas não podem ser tomadas para ‘explicar o mundo’, mas apenas para explicar os *fenômenos* observados no mundo” (p. 53). Ao utilizar a contribuição de vários cientistas que reconhecem os limites da ciência e o magistério da religião, os McGrath apontam um choque entre o fundamentalismo de Dawkins e a perspectiva real de outros estudiosos. Se Dawkins estivesse correto, todos os seus colegas cientistas que mantêm crenças na existência de um ser soberano deveriam ser considerados infantis e supersticiosos, e seus estudos não poderiam ser respeitados por ele.

O terceiro capítulo do livro escrito pelo casal McGrath discute a origem da religião. Assim como outros ateus do passado, Dawkins entende que a religião é um “subproduto acidental” ou um “efeito colateral de uma coisa útil”.⁶ Neste

⁵ DAWKINS, *Deus*, p. 154.

⁶ *Ibid.*, p. 246.

sentido, a religião seria apenas fruto de uma necessidade humana. Além do mais, Dawkins compara a fé a um vírus da mente ou algo prestes a desaparecer à medida que o ser humano caminha para a maturidade.⁷ Em sua resposta, o casal McGrath argumenta que se isto fosse verdade não haveria conversão na fase adulta do ser humano. Além do mais, eles insistem que os argumentos de Dawkins “sobre a origem da religião estão poluídos por muitos ‘talvez’ e ‘pode ser’”, o que parece estranho para alguém que defende a veracidade das afirmações científicas (p. 79). O fato é que ao invés de atuar como um cientista preocupado com a verdade e suas evidências, Dawkins parece optar pela posição de um fundamentalista religioso disposto a defender jargões populares e propagandas anti-religiosas.

Finalmente, no capítulo quatro os McGrath procuram responder a acusação de Dawkins de que a religião é essencialmente má. A este respeito, o casal McGrath deixa claro sua aversão quanto aos abusos violentos em nome da religião. Criado na Irlanda do Norte, Alister conheceu a violência religiosa de perto (p. 109-110). Por esta razão, os opositores de Dawkins admitem que ele “está inteiramente certo quando expõe e recusa a violência religiosa” (p. 108). Todavia, os McGrath argumentam que se alguém avalia qualquer movimento por aquilo que ele apresenta de pior, nenhum passa no teste. Qualquer movimento deveria ser avaliado por sua principal contribuição ou por aquilo que ele apresentou de melhor. Dessa forma, “se o mundo fosse mais como Jesus de Nazaré, a violência poderia ser, de fato, algo do passado” (p. 109). Além do mais, se as barbaridades violentas fossem praticadas apenas em nome da religião, o argumento de Dawkins faria sentido, mas o que dizer daqueles que cometeram atrocidades em nome do ateísmo? A história da humanidade não inocenta a ideologia ateísta defendida por Dawkins.

Ao final, o livro dos McGrath ainda oferece uma valiosa bibliografia comentada a respeito de vários temas relacionados à ciência, fé cristã, religião, psicologia e violência. A bibliografia contém algumas obras pesquisadas pelos McGrath para a redação de *O delírio de Dawkins*. Inclui ainda outros títulos importantes para um estudo posterior.

Apesar de suas contribuições positivas e suas respostas relevantes ao fundamentalismo de Richard Dawkins, o livro de Alister e Joanna McGrath poderia ser mais útil ao público brasileiro se não manifestasse duas fraquezas. A primeira é o uso de obras e autores que são conhecidos no contexto britânico, mas que não possuem a mesma expressão mundial. Por esta razão, o leitor é deixado, algumas vezes, com a tarefa de uma extensa pesquisa antes de poder beneficiar-se dos argumentos usados por algumas autoridades. A segunda fraqueza parece estar em alguns rodeios e complexidades desnecessárias. O fato

⁷ Ibid., p. 95-98.

é que uma crítica a um autor como Dawkins deve ser sempre objetiva e clara, pois ele é um autor que explica muito bem os seus argumentos por meio de analogias. Com isto, cabe aos seus opositores uma argumentação não apenas convincente, mas de agradável leitura, e em algumas páginas do livro dos McGrath a leitura pode ser um tanto cansativa, especialmente para o leigo. Contudo, há que se afirmar que o valor da obra supera estas dificuldades.